



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## JOÃO BRÍGIDO E OS MODOS DE SE COMPOR UMA HISTÓRIA PARA O CEARÁ (1859 – 1919)\*

Renato de Mesquita Rios \*\*

João Brígido dos Santos foi um dos referenciais de escrita sobre o passado durante a segunda metade do século XIX na Província do Ceará. Sua obra tem formatos diversos, assim como assuntos dos mais variados. Desde suas primeiras publicações, quando escrevia para periódicos no Cariri, região sul da então província, até seu último livro publicado em vida, em 1919, em Fortaleza, esse intelectual escreveu dezenas de artigos em jornais, lançou livros com narrativas históricas, publicou crônicas políticas contendo críticas a seus rivais, além de ter uma participação ativa na vida política dessa Província.

Seus escritos de meados do século XIX foram responsáveis pelo convite a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), pelo qual publicou alguns poucos artigos. Além de sua escrita sobre o passado ter preenchido alguns volumes da Revista do IHGB, João Brígido também publicou mais de uma dezena de textos pelas Revistas do Instituto do Ceará, fundado em 1887. Desses escritos, analisaremos em

---

\* Este trabalho é resultado da pesquisa que está sendo desenvolvida para obtenção do Título de Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará.

\*\* Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, desenvolvendo a pesquisa “João Brígido e sua escrita na construção de uma História para o Ceará: narrativa, identidade e estilo (1855 – 1919)” sob a orientação do Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucili Grangeiro Cortez.

específico dois deles, sendo duas biografias: a do Padre Gonçalo Ignacio Loyola Albuquerque Mello e do Coronel João de Andrade Pessoa Anta.

Antes de tudo, cabe aqui uma rápida apreciação sobre o que significava e como se produzia textos sobre o passado durante o período Imperial brasileiro, pois acreditamos que isso caracterizaria assim a justificativa para essa análise, tendo como fontes principais, as duas biografias citadas.

A fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, em 1838, marcou a tentativa de um alinhamento e caracterização sobre as formas de se escrever esse passado (ou como não se escrever<sup>1</sup>). Sobre a égide do elogio ao passado português, a produção narrativas históricas acabou tomando diversas formas nas quais, cada uma carregava um propósito em sua formatação. Efemérides, Estudos Históricos, publicação de documentos inéditos, Crônicas<sup>2</sup>, compunham os formatos de produção desses intelectuais e além desses escritos biográficos também eram uma recorrente forma de se analisar o passado por parte dos intelectuais do período Imperial. Escrever a respeito da vida, ou pelo menos das partes escolhidas a um determinado propósito, serviria de modelo aos contemporâneos, afinal, exaltar elementos do passado é legitimar a construção do presente em que se está envolto, no caso, por estarem escrevendo de dentro desses institutos (IHGB, Instituto do Ceará...)<sup>3</sup>.

Quanto à escrita de João Brígido, estes diversos formatos de escritas, assim como de temas, permearam a produção sobre o passado desse intelectual. Dentro da perspectiva biográfica, pudemos encontrar esse formato de texto em seus livros e nos registros da Revista do Instituto do Ceará. Para passarmos uma dimensão desse aspecto, encontramos entre outras biografias e além das já citadas, as de Pedro Labatut, do Major João Facundo de Castro Menezes, de João Pacheco, de Feliciano José da Silva Carapinima e do Padre Verdeixa.

Tencionamos aqui discutir a produção de narrativas históricas de João Brígido, partindo de dois textos em específico para então chegarmos as diversas formas de

---

<sup>1</sup> Sobre as discussões sobre como não escrever uma História do Brasil, ver o texto do prof. Dr. Temístocles Cêzar, “Lição sobre a escrita da História: Historiografia e Nação no Brasil do século XIX”, in Diálogos, DHI/UEM, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2004.

<sup>2</sup> Cf. REIS, 2002.

<sup>3</sup> Idem.

posicionamento que um intelectual no Ceará tomaria, dentro de um momento de profusão de escritas como foi a segunda metade do século XIX. Tomaremos a análise microscópica como uma forma de contemplar o macroespaço de discussão que se descortina com tal análise.

Antes de adentrarmos à discussão no que diz respeito a cultura política e sua referência com a escrita de João Brígido, passemos pela escrita em si, em uma rápida apreciação sobre as duas biografias escolhidas: Padre Mororó e Pessoa Anta.

Essas duas biografias foram entregues por João Brígido para serem publicadas pela Revista do Instituto do Ceará, tendo saído no mesmo ano do livro no qual também aparecem, *Miscellanea Histórica*, em 1889. Esse é o motivo pela qual pensamos nesses dois textos juntos, pois podem ser pensados como complementares, já que a introdução do primeiro (Padre Mororó) serve também como introdução ao segundo, referindo-se diretamente a ele, como no trecho abaixo, que apresenta os dois biografados dentro de um recurso estilístico no qual o texto se inicia pela execução dos dois: “Este quadro descortinavão, na manhã de 30 de abril de 1825, os dous patriotas *Mororó* e Pessoa Anta, reunidos pelo odio dos vencedores no mesmo matadouro.”<sup>4</sup>

Partindo para o texto biográfico sobre Padre Mororó, algumas questões vão chamando atenção e mostrando a atuação desses sujeito a partir dos aspectos escolhidos para exaltá-lo por João Brígido. Desde a formação intelectual ligada à igreja enquanto seminarista em Olinda, onde “Alem das materias exigidas para a ordenação, ali estudou phisica e historia natural”<sup>5</sup> até o contato e convívio com figuras como Miguel Joaquim de Almeida e Castro (Padre Miguelinho), Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo (Frei Caneca) e João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque Melo (posteriormente, Padre Mororó) destacava-se por seus estudos e entre seus pares, nas primeiras décadas do século XIX.

João Brígido apresentou parte da personalidade de seu biografado quando resolveu citar um superior que havia pedido um copista e devido ao convívio declarou: “Este moço ha de perder-se na primeira revolução que houver no Brazil.”<sup>6</sup> Isso viria a

<sup>4</sup> Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 28

<sup>5</sup> Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 29.

<sup>6</sup> Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 30.

se confirmar quando do envolvimento do ainda Padre Gonçalo (assim como Frei Caneca) com o movimento de caráter republicano e emancipacionista em repúdio à centralização do poder nas mãos do Imperador D. Pedro I, legitimada pela Constituição outorgada em 1824.

Apesar do posicionamento e participação na Confederação do Equador, Padre Gonçalo não chega a participar da Revolução de 1817, um dos eventos que é considerado intimamente ligado ao primeiro, por uma questão ideológica. Ambos eram marcados por uma postura republicana, contudo Padre Gonçalo não havia mudado sua opinião a respeito de tal postura política e mesmo discordando dos ideais dos eventos violentos de 1817, ele chegou a se utilizar da proximidade de Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire, administrador colonial português da província, do qual era comensal e conseguiu alguns benefícios aos presos políticos desse período:

[...] o padre Gonçalo chegou a arrancar-lhe muitas concessões para os perseguidos de 1817, até exprobando-lhe em própria face a sua crueldade para com os presos políticos.

Diz-se que Sampaio se justificára com o seu amigo, invocando as ordens terminantes que recebia, e no dia seguinte a uma exprobação destas, mandou fornecer, roupa e melhor comida aos inconfidentes do Crato, aliviando-lhes a prisão.

Estes favores influíram muito nas opiniões do padre Gonçalo, fazendo-o guardar, muito tempo, os sentimentos, que no seu panegyrico à realeza não terião passado ainda de exigencias da oratoria do tempo.

Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 30.

Posteriormente, já insatisfeito ao regime monárquico e compactuando com o grupo que vai se formar como ponto de articulação da Confederação do Equador no Crato, chegou Padre Gonçalo a se utilizar de atos mais violentos, prontamente justificados:

Voltando a Quixeramobim, fez prender o ouvidor Lagos (novembro 1822) obtendo para isto uma ordem da camara do Crato, a qual se tinha constituido uma especie de *commité* revolucionario, e justificou esta violencia, declarando aquelle magistrado inimigo da causa da independencia, que já se agitava.

Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 30.

Deixemos momentaneamente a análise da briografia do Padre Gonçalo (Mororó), para nos atermos a uma rápida discussão a respeito da biografia escrita por

João Brígido sobre o Coronel João de Andrade Pessoa (Anta). A respeito dos nomes, adotados por vários sujeitos que compactuavam com as mesmas perspectivas políticas na década de 20 do século XIX, João Brígido esclarece essa questão dizendo:

Foi por esse tempo que o padre Gonçalo, à imitação de outros, substituiu o seu cognome – Mello pelo de *Mororó*, planta brasileira. Vem dessa época os apellidos de Araripe, Ibiapina, Areré, Sucupira, Buriti, Antas, Sussuarana, e tantos outros, que se perpetuaram na província e traduzem adesões à independência  
Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 35.

Tendo sido nomeado pelo monarca português D. João VI, nas primeiras décadas do século XIX, sargento-mor de ordenanças, cargo que lhe dava acesso às Câmaras, João de Andrade Pessoa lutou sob a égide da bandeira portuguesa na província do Piauí. A partir do contexto das chamadas Guerras de Independência que se deram nos primeiros anos da década de 1820, juntamente com o desmembramento da constituinte de 1823, o então Coronel Andrade Pessoa ligou-se aos que haviam formado o Governo Provisório do Ceará. João Brígido ainda somou a esse elemento político, questões pessoais ocorridas anos antes, referente à passagem de Marcos Antônio Brício, chefe da colônia portuguesa, por Granja (terra natal de Andrade Pessoa), onde teria sido mal recebido devido a sua postura de exaltamento político, bem como a violência de seus companheiros de expedição, que rumavam para a Parnaíba:

Deixando a villa precipitadamente, o soberbo portuguez, guardou a memoria do ultraje, e fez d'elle responsável a Andrade, que aliás dizem ser extranho a afronta e era incapaz d'ella, pela sua gravidade e circunspecção.  
Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 63.

Tendo esses elementos como justificativa, Andrade Pessoa recusa o juramento à Constituição de D. Pedro I e segue em levante contra o poder monárquico estabelecido do Império, principalmente após o encontro e alinhamento político Andrade Pessoa com Padre Gonçalo.

Depois de diversos embates e tendo malgrado a Confederação do Equador, o governo monárquico decidiu pela execução dos rebeldes e é nesse ponto que os dois textos biográficos se encontram. Primeiramente, através das linhas dedicadas ao Padre Gonçalo (Mororó):

A certeza da morte, o espetáculo temeroso do fuzilamento na manhã seguinte não puderam roubar-lhe um instante de somno. Tendo o carcereiro apresentado, na hora de dormir, um colchão manchado de sangue, disse: “não dormirei neste colchão. Parece que foi de um pthysico, tenho medo que não me comunique a moléstia!”

Marchava para o supplicio, cujo campo estava ocupado por multidão, avida de espectáculos, sacrilegamente curiosa. Muitas crianças se havião trepado em um cajueiro para melhor saborear aquella transicção da vida para o nada. Ao peso, quebraram-se os galhos da arvore, e cahiram todos. O padre Gonçalo rio-se!

Por vezes, lhe vendaram os olhos, para não ver apontar os fuzis; ele porem se desvendava, e encarava os matadores.

Atirem aqui, lhes bradou por ultimo, pondo a mão sobre o coração! Seis bala lhe vararam o peito, trez dedos se lhe destacaram da mãe, cahindo na terra!

Respeitaram-no os assassinos, que a lei da ocasião tinha armado. Não lhe despejaram sobre a cabeça o tiro reservado às victimas palpitantes, o qual as desfigurava. Não houve quem chamasse os cães para lhe tragarem os miolões, como a seus companheiros!

Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 48-49.

A princípio, temos elementos que suavizam o porvir e que João Brígido se utilizou para exaltar um espírito livre de luta que perpassa todo o texto sobre o Padre Gonçalo. Se somarmos a esse trecho, outro, extraído do relato sobre a vida de Andrade Pessoa (Anta), poderemos analisar de forma mais profunda, deixando mais claras algumas questões.

6

Chegados que fosse, vendo [...] um frade que gaguejava em um livro a encomendação, disse: oh! homem, nem, por desgraça, você sabe ler! Dê cá este livro... E lhe dando o frade, ele ajudou a fazer seus proprios sufrágios.

Ao tomar as vestimentas, com que devia morrer e ser enterrado, vendo que a alva era curta, disse: Louvado seja Deus, que a ultima camisa que me dão, é sobre maneira curta!

Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 73-74.

E continuou, após os disparos contra esses dois sujeitos, descrevendo primeiramente a morte do Padre Mororó, e depois, Pessoa Anta:

Então viu-se desabrochar uma fonte de sangue que sahia do seu despedaçado coração, e ele sem murmurar uma palavra, inclinou a muribunda cabeça a um lado, e expirou.

Mas Andrade não morreu logo depois do supplicio. Tendo recebido os tiros, viu-se perfeitamente levantar-se e repetir aquellas palavras com que se costuma agonisar os enfermos à ultima hora. Um dos algozes, não consentindo que ele sobrevivesse mais tempo, descarregou-lhe uma pancada na frente com o coice d’arma, que o fez cahir morto instantaneamente.

Vemos mais uma vez certa amenização do porvir, algo que pode ser visto como um elemento de aproximação das duas descrições, contudo, algumas diferenças nos são perceptíveis. A aproximação das duas se dá não só pela própria amizade entre os dois sujeitos biografados por João Brígido (que inclusive dividiram o mesmo caixão, segundo ele), mas pelo fato de pensar esses dois sujeitos como elementos a frente de seu tempo, de alguma forma. A ligeira comicidade diante do infortúnio da morte mostra, em ambos os casos, a aceitação, mas também a visão diferenciada desses dois sujeitos, como se seus espíritos já fossem livres o bastante para se incomodarem com a morte que viria. Contudo, para além das similaridades, na descrição presente na biografia de Pessoa Anta, esse sujeito não é morto após a saraivada de tiros, e sim, pelo covarde ato de agressão com coronha da arma de fogo. Tendo como noção o fato de que os elementos da vida de cada um deles foram escolhidos por João Brígido, mostrar essa força extra no momento da execução pode ser percebido também como um ato de força, que comungaria com a estrutura do restante da biografia de Pessoa Anta, baseada na força política e bélica de um dos líderes do movimento no Ceará.

De forma geral, essa escrita biográfica a respeito do Padre Gonçalo foi articulada por João Brígido para salientar uma maior sensibilidade tendo em vista não só a divulgação de eventos principais daquele que foi um dos articuladores da Confederação do Equador aqui no Ceará, mas também a proximidade que isso poderia trazer ao seu leitor, ao se deparar com as angústias passadas por este, já que na introdução desse texto (que deveria servir também para o de Pessoa Anta, pode-se perceber esse lirismo em suas linhas primárias:

A historia do Ceará é triste, quase de angustias e de dôres. Aos esforços de todo momento sucedem desastres desconhecidos; ás suas glorias sobreveem lagrimas, que alguém nunca verteo, humilhações de todo genero.

Nas evoluções da sociedade brasileira, o Ceará tem sido a victima expiatoria dos preconceitos, que no seu vôo levão sempre da terra pedaços palpitantes da verdade e da justiça; para cada esperança. Aqui, houve sempre um malôgro, para cada luta a ignominia da dispersão ou da morte

Revista do Instituto do Ceará, T.III, 1889, pg. 28.

Percebamos que, para além de uma mera introdução repleta de alegoria e lirismo, João Brígido estendeu seu campo de análise não só sobre o momento em que Padre Mororó e Pessoa Anta encontraram a morte, pois como já falamos, ele utilizou o recurso estilístico de começar seu texto biográfico pelo fim da vida de ambos. Sua análise sobre o passado encontrava-se em um presente em que uma turbulência política era tamanha e que influenciava a visão que esses intelectuais tinham a respeito das incertezas do que estava por vir. Ora, esse texto de João Brígido foi publicado duas vezes no mesmo ano (uma pela Revista do Instituto do Ceará e outra na coletânea “Miscellanea Histórica”). Estamos falando do ano de 1889, momento de agitação política intensa em que muitos intelectuais começam a se posicionar contra o regime monárquico imperial. Mesmo se pensarmos a proclamação da República no Brasil como um movimento restrito e de pouca participação popular, não podemos deixar de lado toda uma participação (e por vezes, disputa) de intelectuais para que um novo projeto político fosse alcançado, seja ele de caráter republicano ou mesmo tentando manter a estrutura monárquica imperial, mesmo que com um menor controle nas mãos dessa elite política que regia o país.<sup>7</sup>

8

Entendemos assim que essa prática cultural e política deve ser pensada para além de um espaço fechado, no qual, pessoas trazem suas visões partilhadas, a respeito de uma estrutura sedimentada. Essa Cultura política seria muito mais um emaranhado de conexões e sentimentos e mediante ao contato com o que lhe interessa produzir, e é responsável para que esses sujeitos (no caso do Ceará, de uma elite intelectual que já vinha se formando desde a década de 1870) construam uma prática cultural. Assim, essa prática política é um produto de uma diversidade de uma possibilidade de existir e pode vir a ser chamada de “prática”, pois é algo que se faz cotidianamente na tentativa de aprimorar um aspecto intelectual.

Outro elemento estético desses dois textos biográficos que podemos discutir é o fato de que, mesmo tendo sido publicados em sua coletânea, juntamente com outras biografias, João Brígido escolheu esses dois para divulgar pela Revista do Instituto do Ceará. A princípio, podemos pensar que a intensão do autor era a divulgação do que julgava ser os melhores textos para tal periódico, porém, podemos ir além, já que, como

---

<sup>7</sup> Ver CARVALHO, 1996.



já falamos, esses dois textos podem ser pensados como textos-irmãos, complementares e que se referenciam, no qual o primeiro deles (a biografia de Padre Mororó) pode até partilhar sua introdução com o outro. Escolher esses dois sujeitos para biografar nos parece muito mais do que uma mera exaltação de um passado de luta de alguns homens da então província do Ceará.

Não nos esqueçamos que todo objeto artístico (e a escrita sobre o passado não foge dessa perspectiva durante o século XIX) está inserido a um contexto social, mas ele não é só esse contexto que determina a postura do autor. O autor tem suas demandas e interesses<sup>8</sup> e escrever, mesmo que sobre o passado, mesmo que dentro das normas e técnicas almejadas pelos intelectuais oitocentistas, é uma construção representativa e alegórica. O ato de escrever, e por consequência ser lido, principalmente entre seus pares, no caso de João Brígido serve também como uma alegoria, na qual, seus interesses estarão encobertos pela própria linguagem insólita que perpassa os textos<sup>9</sup>. Os sujeitos biografados, assim como os aspectos escolhidos para serem trazidos, juntamente com os elementos da personalidade desses (que já apresentamos anteriormente, influenciou inclusive o formato do texto de cada um) são elementos que foram utilizados por João Brígido para de certa forma falar sobre si mesmo.

Para desenvolver essa discussão, chamamos atenção para o texto em que Sandra Pesavento analisou a relação entre pinturas do século XIX com a literatura de até cinco séculos anteriores. Por mais que pareça fugir da nossa discussão, Pesavento chama atenção para uma estrutura de sentimentos que percorrem textos e pinturas e que se moldam ao período em que esses objetos artísticos são criados. Sem muito nos alongarmos, podemos perceber que o contexto na qual João Brígido escreve seus textos sobre Padre Mororó e Pessoa Anta é um momento de sérios conflitos políticos e ideológicos, no qual o Império parece não mais responder às indagações de muitos intelectuais, incluindo o próprio João Brígido, que assume uma postura republicana às vésperas do golpe comandado pelos militares cariocas, mas posteriormente (uma década depois) iria deixar tal perspectiva política para retomar a defesa de uma postura monárquica, principalmente pela sensação de permanência que a mudança do regime

---

<sup>8</sup> Ver CANDIDO, 2006.

<sup>9</sup> Ver SEVCENKO, 1984.

lhe causa, pois pouco muda entre os grupos que continuam a comandar a política cearense com o advento da república.<sup>10</sup>

Além da questão do contexto de mudança política que aproxima o autor e o seu objeto, uma rápida apreciação a respeito da personalidade de João Brígido, descritas por seus biógrafos e estudiosos do tema<sup>11</sup>, parece se aproximar do que seria a junção dos elementos escolhidos por ele para falar de Padre Mororó e de Pessoa Anta.

É interessante perceber a diferença estilística que João Brígido desenvolveu ao relatar alguns eventos na vida desses dois sujeitos. O texto sobre Padre Mororó é carregado de um lirismo, impregnado de uma forte estrutura de sentimentos (a dor, angústia, a perda, a morte) a respeito da guerra e exalta não só o combatente que percebeu que poderia lutar pela liberdade, mas também o letrado padre, formador de opiniões e professor de latim, enfim, o intelectual. Já o texto sobre Andrade Pessoa Anta se aproxima muito de um Estudo Histórico, com apresentação de fontes utilizadas e no qual a estrutura narrativa transita por questões políticas e bélicas, mostrando a intensa participação desse sujeito nos embates, eventos e desfechos da Confederação do Equador no Ceará.

Muitas vezes, João Brígido é descrito como um intelectual atuante no meio cearense, opositor da oligarquia aciolina, além de ter sido professor do Liceu. Esses elementos aproximam de certa forma João Brígido de Padre Mororó. Outras vezes, João Brígido é mostrado como um sujeito que não tem problema algum em ter inimigos, que tem uma tem uma postura combativa, que não fugia a uma disputa política e que mostrava sempre sua força, principalmente através de sua principal arma, a pena. Mudam as armas, mas podemos aproximar assim esses elementos da análise que Joao Brígido fez sobre Pessoa Anta. Assim, essa escrita sobre o outro, na verdade é também uma escrita sobre si.

A partir dessa discussão, percebamos essa estrutura de sentimentos que de alguma forma aproximam os momentos de conflitos do local social de onde o auctor João Brígido escreve deste momento sete décadas anterior de mudanças e permanências políticas: o processo que levaria ao fim do Império e, proclamação da República, se

---

<sup>10</sup> Ver MONTENEGRO, 1980.

<sup>11</sup> Ver BARRETO, 2005; CARVALHO, 1969; introdução de BARBOSA em BRÌGIDO, 2001.

aproxima do que levou D. Pedro I ao poder e a declaração de independência do Brasil, juntamente com uma série de revoltas que se instauraram pelo país recém-criado.

No fim das contas, quando João Brígido se debruçou sobre a trajetória de vida desses dois sujeitos atuantes de um conflito violento entre o Império que acabara de se instaurar e as forças de postura republicana, ele trouxe para si a legitimação dessa escrita pelo próprio momento de tensão que se encontra o Rio de Janeiro e, também, o Ceará, na discussão dos caminhos que poderiam levar (e levaram) ao fim do poder Imperial de D. Pedro II. Essa aproximação se deu pelos sentimentos e ressentimentos que se fizeram presentes nas escolhas políticas, ideológicas e sociais de João Brígido, e que o influenciaram a escrever sobre esses dois sujeitos (entre outros que também participaram desse movimento no início do período Imperial) que de alguma forma aproximavam os interesses políticos de autor e objeto de análise, afinal “São os olhos de Clio que nos induzem a fazer perguntas, para serem respondidas pela arte ...”<sup>12</sup> e quem negaria que escrever sobre o passado no século XIX não destoaria tanto assim de uma produção também artística?

11

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Introdução* in BRÍGIDO, João. *Ceará (Homens e Fatos)*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2001.

BARRETO, Maria Adelaide Fléxa Daltro. *João Brígido e sua descendência*. Fortaleza: IMPRECE, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: USP, 2006.

CARVALHO, Jader. *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Ed. Terra de Sol, 1969.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem e Teatro de Sombras*. Rio de Janeiro: Relume Dumard Editores, 1996.

---

<sup>12</sup> Ver PESAVENTO, 2002, pg. 57.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

CÉZAR, Temístocles. “Lição sobre a escrita da História: Historiografia e Nação no Brasil do século XIX”, in *Revista Diálogos*, DHI/UEM, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2004.

CHARTIER. Roger (org). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MONTENEGRO, 1980 apud CARDOSO, Gleudson Passos, "*Bardos da canalha, quaresma de desalentos*". *Produção literária de trabalhadores em Fortaleza na primeira República*. Tese de Doutorado, UFF, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 30, p. 56-75, 2002.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Perfis Urbanos Terríveis em Edgar Allan Poe*. Revista Brasileira de História; São Paulo: v. 05 nº8/9, pp69-83, 1984-1985.